Gustavo Dupuy*

Só sei que nada sei do muito que sei**

Toda linguagem é um alfabeto de símbolos cujo exercício pressupõe um passado que os interlocutores compartem. Vi a circulação de meu escuro sangue, vi a engrenagem do amor e a modificação da morte... vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto e senti vertigem e chorei, porque meus olhos haviam visto esse objeto secreto e conjetural cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo.[1]

Jorge Luis Borges, 1949[2]

A criança recém-nascida acalma o pranto frente à percepção do batimento cardíaco, ritmo que acompanhou sua aparição desde a taquicardia da excitação do coito parental até o nascimento. Ritmo marca, que compassou seu universo uterino e que acabará junto com ele.

Gustavo Dupuy

Desde o início de meu trabalho psicanalítico, vivi como questionamentos estes fenômenos que habitualmente ficam dentro de outros terrenos: a casualidade, a adivinhação, a telepatia, fenômenos que costumam não ser levadas em consideração e que normalmente são usufruto de disciplinas espiritualistas, santarrões e religiões. O trabalho com crianças nos coloca, aos analistas, novamente, frente a esses fenômenos que nos assombram e que foram descritos como desenhos radiográficos, ou que simplesmente tomamos como naturais, ainda conservando sua condição de excepcionais e fora de toda explicação lógica para nosso conhecimento e comunicação[3].

Aceitar a casualidade como explicação é uma renúncia a nos interrogarmos e, devido nossa disciplina tratar da singularidade, a estatística não nos permite mais que somar casos singulares aos que toda soma algébrica esvaziaria de significação psicanalítica.

São muitas as vezes nas quais nos encontramos com ocorrências, interpretações, intervenções, e ao revisar o discurso do paciente, não encontramos a comunicação na qual estas se basearam, mesmo que tenham sido de enorme eficácia e precisão, revelando inclusive situações da própria vida do paciente, desconhecidas por este. Temos as ferramentas para descrevê-las como ocorrências contratransferenciais (Freud, 1933 [1932]/1991a)[4], como fenômenos de identificação, de empatia; às vezes, um minucioso exame da sessão nos permite seguir o rastro que nos leva a "saber", a nos anunciar as razões de nosso dizer[5].

O conceito de causalidade, que implica uma sequência temporal, também não serve para nada mais do que preencher ilusoriamente nossa ignorância.

Em outras situações, estas "ocorrências" ficam justamente como "isso", como aquilo que nos chega e cujo ponto de partida não podemos rastrear. Se buscamos sua origem, ficamos sentindo que algo da ordem da genialidade ou da fulguração nos tomou nesse instante. Costumamos atribuir-lhe o caráter de "comunicação inconsciente-inconsciente". Algo que aconteceu entre duas pessoas e que desconhecemos.

Pressuponho um conhecimento, uma capacidade de conhecer e comunicar que é patrimônio privilegiado da criança. Possibilidade de "refletir" situações não mediadas pela palavra, mas com forte eficácia de representação. Costuma chamar-se de *percepção psicótica* a esta capacidade empática, quase adivinhatória de nossos pensamentos, que habilita muitos pacientes com patologias narcisistas a perceber o que é não dito, mas pensado por outros.

Estes fenômenos ofendem nossa lógica, motivo pelo qual aumentam nosso desamparo, pressentem a existência de "o desconhecido" e convocam o *sinistro*, na medida em que somos protagonistas inevitáveis de tais acontecimentos.

Já estou afirmando, não sem dúvidas, que é um fenômeno universal de nossa existência pré-lógica.

Brincadeira, desenho, palavra, corpo, contato, gestos, pranto. Seria a criança uma outra coisa? Caso seja, também a usaremos, já que sua linguagem, sua capacidade de dizer utilizará tantos recursos quantos estiverem a seu alcance até que possa adquirir uma linguagem que lhe dê a ilusão adulta de ser a única a sustentar o saber. É esta a língua na qual nos comunicamos e escrevemos, este equívoco predestinado (Freud, 1900/1991c)[6]. Quando aparece a percepção ou surgem as ideias a partir do pensamento analógico, nos desconcertamos e as consideramos loucas, mágico-animistas, ou as desqualificamos.

Transcrevo a seguir uma seção de análise que motivou um trabalho ao qual agora tratarei de dar novos caminhos, sabendo que ficará como mais um novo convite a pensar.

Chegam ao consultório Juan e Maria; a idade difícil de determinar. Falam *cocoliche*[7]. Juan é operário de indústria, Maria é dona de casa e cuida de Ariel a cada minuto de sua vida. Em uma linguagem absolutamente iletrada – ambos são analfabetos – , relatam o

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

** Prêmio Fepal 2018.

1. N. do T.: Tradução de F.J. Cardozo. A tradução desta citação corresponde à página 93 de: Borges, J. L. (1998), O Aleph. Em F.J. Cardozo (Trad.), *Jorge Luis Borges – Obras completas (1923-1949)* (Volume I, pp. 87-96). São Paulo: Globo. (Trabalho original publicado em 1949). Recuperado de https://autoresmodernos.files.wordpress.com/2013/07/borges-jorge-luis-o-aleph.pdf
2. Borges descreve neste maravilhoso conto o núcleo do conhecimento universal que, de alguma forma, aparece nesse vasto território de conhecimento não adquirido, mas sim resgatado pelo *infans*. Atrevo-me a pensar que a cegueira é um acréscimo para Borges na busca ou no achado desse Aleph que ele mesmo contém. A visão, hierarquizada na bipedização, é mais organizadora do pensamento lógico e das fontes do próprio corpo, do que o olfativo.
3. As vinhetas clínicas expostas neste trabalho provêm de meu trabalho clínico, com exceção de duas, que são de colegas aos que supervisionei.
4. "Existe, por exemplo, o fenômeno da transmissão de pensamento, que tem tão estreitas relações com a telepatia e pode, na verdade, sem deturpação demasiada, ser considerado a mesma coisa." N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 36 de: Freud, S. (1996). Conferência XXX: Sonhos e ocultismo. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 22 - 40). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932].). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf
5. "Meu interesse pelo oculto não é no estilo de Racker. Ele era astrólogo, filósofo e também tinha um conhecimento muito vasto. O que acontece é que na análise estão muito presentes estas manifestações que parecem inexplicáveis e que lidam com o oculto" (Cueto, 23 de outubro de 2003).
6. "As palavras, por serem o ponto nodal de numerosas representações, podem ser consideradas como predestinadas à ambiguidade; e as neuroses (por exemplo, na estruturação de obsessões e fobias), não menos do que os sonhos, servem-se à vontade das vantagens assim oferecidas pelas palavras para fins de condensação e disfarce ." (Freud, 1900/1979, p. 181). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à página 4 de: Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos (Segunda parte). Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5, pp. 3-193). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-05-1900-1901.pdf
7. N. do T.: O cocoliche é uma língua híbrida típica da região de Buenos Aires, onde o léxico espanhol invade o sistema morfossintático italiano.

nascimento de Ariel, cianótico, e suas idas e vindas ao Hospital Ricardo Gutiérrez. Ariel tem problemas no coração.

Juan veio da Itália, onde morava no campo, e conta do tempo em que depois de estar há dois anos em Buenos Aires, já com trabalho e estabelecido, decide formar uma família:

-Senti que tinha que formar uma família. Voltei à Itália para buscar mulher, uma mulher do campo, forte para a casa. A família nos ajudou a voltar para cá.
-Eu não trabalho, me encarrego de Ariel. Ele não deve correr, às vezes brinca com as crianças, eu o sigo, o *dotor* me disse que tem que tomar água, e eu vou com a jarra e lhe dou água, a cada dez *minuti*.
-Por iniciativa própria lhe impede toda e qualquer atividade física. Ela o leva no colo à praça.
-Tenho medo que *muora*.
-Foi operado três vezes.

Transcrevo a seguir uma parte da seção em presença dos pais.

Os pais estão sentados em poltronas baixas, Ariel e eu, sentados no chão. Entre ambos, os materiais. Devido ao fato de que seria a primeira seção, e o pedido foi de urgência, coloquei todos os elementos que os livros indicavam. Tive uma entrevista com os pais na noite anterior. A assimetria reverencial em relação aos médicos e a gravidade do diagnóstico orgânico do menino dissimulam minha emoção de um primeiro encontro, não só com os pais de um possível paciente, mas com o encontro entre este médico novo, recém psicanalista, com uma criança tão pequena. Quem fez a indicação me adiantou que não tinha diagnóstico preciso, mas que era uma grave má formação cardíaca, que lhe tinham feito três cirurgias paliativas. Não há meios que permitam fazer um diagnóstico preciso[8] até a grande cirurgia cardíaca que devem enfrentar em breve. Se Freud (1937/1991b) dizia "o leão só salta uma vez"[9] (p. 222), eu sei que, neste caso, é literal Ariel – "leão de Deus" – está proibido de pular, e eu *devo* ser preciso, já que vou vê-los apenas uma vez mais.

No último momento resgatei alguns cubos de uma caixa de brinquedos de minha filha e os incluí entre os materiais.

A primeira parte do encontro transcorre em um diálogo que tento estabelecer com Ariel, infrutiferamente. Dirijo-me a Ariel, a mãe sistematicamente responde e se interpõe entre ambos. Lembro da cena de Ariel brincando na caixa de areia e a mãe trazendo o copinho a cada "dez *minuti*", penso no pai voltando a sua terrinha para buscar uma mulher.

Ariel está como letárgico; supus que era devido a sua pobre oxigenação. Cada vez que Maria se interpõe, Juan faz cara de "esta mulher…".

-Sempre está em cima dele – diz.
-Entendo que Ariel necessita que a senhora o ajude mais que outros meninos. Gostaria de escutar a Ariel. Ainda que ele não brinque ou não me diga nada, peço-lhe que por um momento não intervenha.

Até este momento, passaram-se vinte minutos da seção.

Frente a minha intervenção, Ariel olha para a mãe, me olha e começa a tocar timidamente os carrinhos.

Ele me dá massa de modelar azul e pede que faça uma bolinha...

Ao pai dá massinha preta e pede que faça outra...

8. Na época deste encontro não existia ainda a ecocardiografia.
9. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à página 141 de: Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23, pp. 139-164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-23-1937-1939.pdf

Pega a bolinha azul.

-A bolinha – diz ao pai.
-Pega a bolinha.

Pega ambas as bolinhas, a preta e a azul e as une, depois estende a mão em minha direção.

-Faça!!!
[Pego as bolinhas].
-Quer que eu faça uma bolinha?
-Duas, duas. Faça duas.
-Quer que as separe?

Ariel assente. Separo as bolinhas e lhe entrego.

Mais adiante, me dá todas as massinhas, depois dois cubos, os outros cubos. Deixo de fazer anotações, pois necessito de ambas as mãos.

Ele me olha.

-Fico assim, com tudo em minhas mãos?
-Sim.

Fica me olhando. Depois de um tempo vai tirando tudo de minhas mãos.

Entrega-me quatro cubos, que vai dispondo ordenadamente em minha mão esquerda.

Cada vez que coloca algo em minha mão, me olha fixamente aos olhos.

Os pais, que por um momento tinham ficado em silêncio, começam a se inquietar e rivalizam por atendê-lo. Faço sinais com minha mão direita para que se tranquilizem.

São dois cubos brancos e dois cubos verdes.

Acrescenta um carro unindo os cubos brancos.

Sigo com a mão estendida, sinto que algo importante está acontecendo. Ariel está especialmente concentrado, nenhum de seus movimentos parece aleatório.

Toma um cilindro oco de madeira e coloca entre os dois cubos verdes, apoiado nos brancos, como querendo empurrar o carrinho.

Sinto nesse momento que acaba de fazer um perfeito esquema de seu coração. Configurou as quatro cavidades, o carro unindo os dois cubos brancos como a comunicação interventricular. O cilindro oco, como a aorta, cavalgando no septo interventricular.

Ainda que os pais lhe falem, Ariel fica em silêncio, olhando sua construção e meus olhos. Fica um tempo assim, com uma seriedade estranha.

Começa a procurar. Vejo que está inquieto, procurando algo que não encontra. Antes tinha empurrado parte dos elementos para baixo da poltrona da mãe; estende a mão e os traz. Pega um tronco de cone de madeira e quer colocá-lo ao lado do cubo branco. Cai, segura minha mão direita e a aproxima à esquerda. Coloca o tronco de cone apoiando sua base no cubo branco direito, me olha, o retira. Instantes depois, pega o cilindro menor e o coloca na posição do cone.

Com uma precisão excessiva para qualquer interpretação casual, Ariel completa sua aula de patologia[10] mostrando uma artéria pulmonar saindo do ventrículo direito estenosado, estreitado tal como o tronco de cone, e depois a substitui pelo cilindro. Este *menino cardíaco* – como costumamos chamar os que sofrem do coração – se transforma em car-

10. A tetralogia de Fallot consiste em uma má formação congênita na qual encontramos: uma comunicação interventricular, a aorta cavalgada sobre o septo interventricular em vez de sair do ventrículo esquerdo, e a artéria pulmonar estreitada, o que dificulta a chegada de sangue aos pulmões para sua oxigenação, aumentando – tal como as outras anomalias citadas – o esforço cardíaco.

diologista, no clínico que nos mostra aquilo de que padece e o que devemos fazer para que possa correr e pular todas as vezes que quiser. Devemos tornar permeável sua artéria pulmonar estreita.

Passado este momento de intenso encontro, seu rosto se ilumina pela primeira vez na seção. Mostra-se despreocupado e alegre.

Finaliza a sessão.

Ele me dá um pedacinho de massa de modelar.

> -Pega... Pega... Um pequeninho!!!

Ariel tem uma patologia grave que fica evidenciada também na escolha da massa preta e azul. Arminda Aberastury (1971/1973) associa a escolha do preto na brincadeira das crianças cardíacas com um mau prognóstico. Substitui o vermelho e o azul pelo azul e pelo preto da cianose e da morte, que, mesmo como uma opção possível, fica como sina no discurso materno. Ariel tem como opções maternas não nascer ou morrer. Contém toda a potencialidade simbólica que lhe permite, não só representar, mas escolher interlocutor; como o demonstra na sessão.

O prognóstico sombrio, uma patologia cardíaca ainda não definida, no quadro de uma família asfixiante e simbiótica que os pais precisam manter.

A partir da clínica psicanalítica com crianças, este tipo de comunicação foi descrito por muitos autores. Arminda Aberastury (1971/1973) descreve em vários casos, a comunicação da criança por desenhos e brincadeiras, de dados precisos sobre a patologia somática, realçando o valor diagnóstico desta forma de linguagem. Ada Rosmaryn[11] não só descreve situações similares, mas acrescenta *a captação inconsciente da criança da existência e características da doença somática dos pais.* Fidias Cesio (1970) destaca, em um trabalho sobre lúpus eritematoso sistêmico, a capacidade de uma paciente para representar pictoricamente detalhes histológicos de sua patologia.

Aberastury (1971/1973) nos diz que a criança, na sessão, nos fala de sua fantasia da doença e sua fantasia da cura. É observável que as crianças durante a aquisição da linguagem, quando seu pensamento ainda não está aprisionado na lógica do processo secundário, costumam poder, como Ariel, para nosso assombro, "nos falar" em linguagem pouco cifrada de seu corpo, às vezes de suas doenças, mas muitas mais, o que às vezes não percebemosmos, de seus processos de crescimento.

Pensemos no extraordinário acúmulo de processos que levam de um neonato a uma criança de cinco anos. Freud (1933 [1932]/1991a) reflete sobre o acesso possível a estádios precoces da experiência, como em certas práticas místicas que permitem que "a percepção pode ser capaz de captar acontecimentos, nas profundezas do ego e no id, os quais de outro modo lhe seriam inacessíveis."[12] (p. 74).

11. Comunicação pessoal.
12. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à página 55 de Freud, S. (1996). Conferência XXXI: A Dissecção da personalidade psíquica. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 40-55). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf

A inclusão na língua como transmissora da lei

As leis da linguagem vão "constrangendo" estas formas de percepção e de comunicação.

A instauração da repressão, os diques junto à amnésia infantil permitem o "esquecimento" destes "sem limites" maravilhosos nos quais as primeiras palavras navegam pelo mundo da magia. Seguramente a metáfora do paraíso não é outra coisa que este mundo no qual a satisfação alucinatória é possível e legal.

Pedro, paciente de nove anos com criptorquidia[13], uma tarde, na praia, pergunta à mãe sobre as diferenças anatômicas entre um homem e uma mulher. Meia hora após esta conversa, os pais ligam para urgências por uma torção do epidídimo com severo risco de perda de um testículo.

Em pacientes adultos neuróticos, estes achados são vistos com frequência na representatividade onírica.

Teresa, paciente jovem, comunica a seu analista um sonho: "Eu me levanto, olho meu corpo e vejo um pouco acima da virilha um ramo de uvas". A analista, recordando-se do conflito de sua paciente entre a feminilidade e a maternidade, lhe sugere uma consulta com o ginecologista. A paciente volta com um diagnóstico de ovário policístico cuja representação gráfica mais usual é, justamente, um cacho de uvas.

Juana, aos vinte e dois anos, perdeu duas gestações sem nenhuma explicação médica. Sonha com um enorme olho (o próprio) que a olha. Fica muito impressionada. Lembra que, quando tinha doze anos, descobriram uma lesão macular em um olho. Ainda que enxergue perfeitamente, decide consultar um oftalmologista, que lhe diagnostica uma antiga toxoplasmose latente, provavelmente contraída em sua vida fetal, e a adverte que esta patologia costuma reativar-se durante a gravidez, correndo o risco de levar a abortos espontâneos. Neste caso, em que esta mulher que deseja muito ter um filho se vê em dificuldades, podemos inferir que seu sonho foi um grito do corpo frente a uma afecção silenciosa.

Vale a pena pensar que em casos nos quais o sonho denuncia um dado do próprio corpo, o emissor "telepático" é a desordem corporal pedindo ajuda.

Freud (1933 [1932]/1991a) chamaria a este um "sonho telepático":

> quando analisado, adquire-se a convicção de que a notícia telepática desempenhou o mesmo papel que qualquer outra parte dos resíduos diurnos, e que foi modificada da mesma maneira pela elaboração onírica e transformada para servir ao propósito desta.[14] (p. 33)

Em pessoas que foram adotadas pode se observar este tipo de "criações" que não encaixam em nenhuma explicação por transmissão discursiva e que "saqueiam" o conhecimento de seus pais e de seu ambiente.

Maria José, uma jovem da classe alta do sul da Argentina, teve um namoro fugaz com um turista inglês que passou por sua cidade e do qual ficou grávida aos dezesseis anos. Os

13. Patologia que se caracteriza por um ou ambos os testículos não se manterem na bolsa escrotal, mas subirem e ficarem ocultos dentro do conduto, o que os submete a uma temperatura tal que pode levar à esterilidade. Sua permanência na bolsa os "ventila", permitindo que habitem um meio menos quente.
14. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde às páginas 26-27 de: Freud, S. (1996). Conferência XXX: Sonhos e ocultismo. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 22-40). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932].). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf

pais, consternados, decidem que a gravidez deve ser ocultada. Por meio de uma médica conhecida da família de Maria José, a recém-nascida é levada a Córdoba para uma uma família que a cria como filha legitima. Os pais que a criam preferem desconhecer toda a origem da menina.. Quando esta menina, Ana, termina o ensino médio, viaja como mochileira ao sul e se apaixona por um jovem inglês. Com poucos meses de namoro fica grávida e decidem casar-se e radicar-se na cidade onde se conheceram, a poucos quilômetros do lugar onde Ana foi concebida. Ainda que, neste caso, seria válido podermos pensar que Ana "escutou" sobre sua cidade durante a gravidez[15], a reedição da cena materna com sua consequente reparação segue uma identidade tão perfeita que prefiro deixar a interpretação em aberto.

Da mesma forma, é frequente que jovens que foram adotados tendam a encenar situações vinculadas à história e à estética dos genitores.

Talvez, o fenômeno mais observado seja o da criança como diagnosticador da gravidez da mãe. Na maioria das vezes isso se mostra através de mudanças de conduta, sintomas ou manifestações em relação a outras crianças pequenas[16].

A conexão inversa, a mãe com o filho, também supera qualquer expectativa de nosso pensamento lógico. O ouvido aguçado da mãe que recém deu à luz e a labilidade da mãe no puerpério[17] acompanham a percepção das necessidades da criança e de sua saúde ou doença[18].

Ainda que este tema admita um desenvolvimento maior, animo-me a dizer que a mãe consegue estas condições extraordinárias a partir de uma regressão a um estado de predomínio analógico de funcionamento. Winnicott (1965/1993) o descreve atrav**és de seus conceitos do binômio** "mãe suficientemente boa" e de "seu bebê".

Em nossa cultura cientificista, quase absolutamente desconectada da "terra" e da natureza, este conhecimento é suprimido e fica subordinado ao saber supremo da medicina. (Ivan Ilich, 1978).

Uma afirmação forte que este trabalho contém, ainda que difícil de validar, é a da existência de um "conhecimento universal" que vamos reprimindo à medida que nos incluímos na lógica da linguagem. Uma gramática direciona o pensamento no sentido da sequência temporal. Formaliza-nos ao mesmo tempo que secundariza nosso pensamento.

15. Aproximadamente no quinto mês de gestação, o aparelho auditivo da criança está apto para ouvir, e há provas de sobra de reconhecimento pós-natal de percepções que ocorreram durante a gravidez.
16. Kohut (1969) vincula a "capacidade de ter acesso à mente de outra pessoa" (p. 390) com o momento em que "os sentimentos, as ações e a conduta da mãe estiveram incluídos em nosso self" (p. 390), "dentro de uma concepção narcisista do mundo; portanto, a capacidade para a empatia corresponde ao equipamento inato da psique humana e, até certo ponto, continua associada ao processo primário" (p. 390). Kohut define como empatia um fenômeno que em sua definição excede, a meu juízo, o conceito de identificação e introjeção precoce do materno. "Tentamos discernir, em um único ato de reconhecimento certeiro, complexas configurações psicológicas que só poderíamos definir mediante a trabalhosa apresentação de uma multiplicidade de detalhes, o que inclusive pode superar nossa capacidade de definição" (pp. 389-390).
17. O conceito de infanticídio descrito pela medicina legal, contempla como atenuante ao assassinato de uma criança por sua mãe, que essa tenha ocorrido durante o puerpério. A extraordinária angústia que sofrem muitas mães nesse estado e a incidência da psicose puerperal são amostras eloquentes.
18. Ainda que este tema admita um desempenho maior, entendo que a mãe consiga estas condições extraordinárias a partir de uma regressão a um estado a predomínio analógico de funcionamento.

A criança traz ao nascer

Este trabalho tenta falar sobre justamente "isto" que trazemos ao nascer.

A aparição de um "conhecimento" sobre si mesmo e a percepção e expressão sobre o ambiente ampliado e os outros, afasta cada vez mais nossa ideia da criança nascendo como tábula rasa.

Quando pensamos no que trazemos, é necessário diferenciar no "herdado" aquilo que trazemos geneticamente e aquilo que trazemos ao nascer, que é muito mais amplo. Entre outros, engramas e disposições descritas por Chomsky na aprendizagem da fala, neolamarkianos que falam de uma genética modificada pela aprendizagem.

Identificação, aprendizagem, memória da gestação, rastros primitivos e muito mais que não podemos explicar, nos dão algumas hipóteses sobre as expressões com as que nos encontramos em nosso trabalho e nos assombram.

O pensamento analógico (palavra escassa) fica para algumas manifestações dos loucos, dos gênios, das crianças e dos poetas, como diz o aforisma[19].

Como consegue expressão o "desconhecido" a partir da linguagem e que, como *nosso interior*, não está disponível para ser visto? Provém de um conhecimento que não é consciente, mas sim exercido. O corpo a partir da pulsão representa os estímulos intrassomáticos (Freud 1905/1992b).

Damasio (1994/2003)[20] diz:

> Na verdade *somos muito mais conscientes* do estado geral do corpo do que costumamos admitir, mas é evidente que, à medida que a visão, o ouvido e o tato evoluem, a atenção que geralmente se dedicava a seu componente de percepção global aumentava em consonância, assim, a percepção do corpo propriamente dito foi sendo deixado cada vez mais ali onde fazia, e faz, precisamente a melhor tarefa.[21] (p. 216; as itálicas são minhas)

Prefiro que mudemos o "somos [...] conscientes" por "temos registro ou informação". Hoje se sustenta que toda percepção tem registro, mesmo o não compreendido ou o que não entra em associação. O acúmulo desta informação não é consciente. Nas experiências de pessoas com graves transtornos narcísicos ou inclusive graves lesões, aparecem linguagens em idiomas não aprendidos, supõe-se que por textos percebidos; em outras ocasiões, continuamos com questionamentos.

19. É quase impossível compreender a obra de Leonardo da Vinci sem aceitar este vasto território. Leonardo expressa por meio de sua obra uma lógica absolutamente atemporal. Não expressa, como a maioria dos inventores, as necessidades graduais de sua época, mas arrasa o pensamento contemporâneo concebendo criações que hoje têm atualidade e são tecnicamente resolvidas quatrocentos anos depois de sua morte. Se lemos e damos crédito a seu livro de receitas de cozinha, podemos ver nele um ser com tão pouco apreço à cortesia como aos limites de sua criatividade. Não faço eco a que o criador cria, graças a sua loucura, mas, neste caso, falo da possibilidade de atravessar o tempo como fenômeno de resgate do dom infantil. "O indivíduo criativo está menos separado psicologicamente do seu meio do que o não criativo; a barreira eu/tu não está tão claramente definida. A intensidade com que a pessoa criativa percebe os aspectos pertinentes de seu meio circundante, assemelha-se às detalhadas percepções do self que os tipos esquizoides e infantis têm" (Kohut, 1969, p. 387). N. do T.: Tradução livre.

O pensamento se desenvolve a partir do incentivo da instância do campo orgânico ainda não condicionada pelo formal, o que possibilita emergências de conteúdo em aparente liberdade relacional, para que depois sim, possam tomar a forma efetiva. À medida que crescemos, os condicionantes culturais incutidos nos afastam de nossa verdadeira natureza e da habilidade de pensar analogicamente, por influência dos modelos educativos vigentes que privilegiam os aspectos de inclusão a um modelo comum, em detrimento dos intuitivos e individuais. O resultado disso é que como indivíduos pagamos o preço de nossa inclusão às custas de nossa natureza.

20. Há muitíssimas novas contribuições das neurociências nos últimos quatorze anos. Podemos mencioná-las em um próximo trabalho.
21. N. do T.: Tradução livre.

Bateson (1979, citado por Chiozza, 2008) utiliza a palavra *epistemologia*[22] para se referir a

> como nós podemos conhecer qualquer coisa [...] no pronome nós incluo, logicamente, a estrela do mar e o bosque de pinheiros, o ovo em segmentação e o senado dos Estados Unidos. E em qualquer coisa que estas variadas criaturas conhe**ça**m incluo como crescer em uma simetria pentagonal, como sobreviver a um incêndio florestal ou como crescer e conservar, no entanto, a mesma forma.[23] (p. 63)

Parafraseando a Bateson, poderíamos afirmar que toda ação que realizamos se baseia em uma forma de conhecimento[24], incluídas aí todas as funções vitais, ainda que esse conhecimento não seja acessível à consciência, a não ser em determinados momentos em que estas funções falham (Damasio, 1994/2003, pp. 222-223) ou naqueles em que a sobrecarga libidinal adquire eficácia traumática.

Uma criança 'sabe' da gravidez de sua mãe antes de seus pais (Freud, 1933 [1932]/1991a).

Santiago, de três anos, brinca com barcos, desenha barcos e passarinhos, acrescenta peixes, o sol. Um dia ao voltar para sua casa, encontra uma família consternada, mas silenciosa. O Cruzador General Belgrano, no qual ia seu irmão mais velho, acabava de ser afundado. Fui consultado sobre como lhe dizer, já que os pais pretendiam não lhe comunicar a desgraça. Em sua casa, em seu quarto, com seus brinquedos, Santiago me mostra sua pasta de desenhos. No jardim, nesse dia, havia feito um desenho escuro de um barco afundado sem sol, sem pássaros, cheio de nuvens. Brincando, não pode fazer outra coisa além de mostrar um barco que afunda e que depois se converte em submarino e sai para o céu como avião.

Em todos esses casos poderíamos questionar a interpretação, mas à luz de infinitas experiências que temos como analistas, torna-se inevitável aceitar o fenômeno e ao menos ensaiar ideias que o expliquem. Santiago já sabe[25].

Juana aos quatorze anos se fecha em seu quarto, não permite que entrem nem limpem, recebe a comida e fecha a porta. Em uma semana, o quarto é um desastre: sujo, desorganizado, pratos sujos. Depois de dez dias, os pais desesperados chamam um psiquiatra que começa a medicá-la e propõe interná-la. Uma parente se comunica com quem havia trazido a menina para ser criada. A mãe biológica, uma moça que engravidara, e que não tinha pais, moradora em uma favela, em um casebre. Na época, chega a um grupo de ajuda solidária um pedido de auxílio para esta mãe menina, que vive em algo que se assemelha a um depósito de lixo. Ela recebe cuidados até o parto, e quando está por gar à luz, avisa o casal de médicos, que passa a se encarregar da menina. Juana, no momento da consulta, tem a mesma idade que tinha sua mãe ao dá-la à luz. Juana recria a mesma cena na qual sua mãe biológica vivia durante a gravidez.

22. Parte da filosofia que estuda os princípios, fundamentos, extensão e métodos do conhecimento humano. A palavra provém do grego *episteme* ("conhecimento") e *logos* ("teoria"). A epistemologia é uma disciplina ou ramo filosófico que aborda a pesquisa científica e seu produto, o conhecimento científico, suas classes e seu condicionamento, sua possibilidade e sua realidade, a relação que tem com o investigador, entrando em temas como história, cultura e o contexto das pessoas. Também é conhecida como a filosofia da ciência.
23. N. do T.: Tradução livre.
24. Dimmick (1969) diz: "se uma célula bacteriana sobrevive, significa que conhece sua fisiologia melhor que os próprios cientistas" (p. 32).
25. Freud relata na *Conferência 30* (1933 [1932]/1991a) "Um dia, a mãe, durante sua sessão analítica, falou de uma moeda de ouro que tinha desempenhado um papel especial em uma das cenas de sua infância. Imediatamente depois, tendo retornado à casa, seu filhinho, de cerca de dez anos, veio até o quarto dela e lhe trouxe uma moeda de ouro e pediu-lhe que ela a guardasse para ele" (p. 52). N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à página 40 de: Freud, S. (1996). Conferência XXX: Sonhos e ocultismo. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 22-40). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932].). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-22-1932-1936.pdf

Isto que descrevemos, privilegiadamente, nas crianças por meio da clínica estaria relacionado com o processo criativo do pesquisador científico, por meio do qual as descobertas seriam redescobertas[26], e que aparecem, no dizer de Jung, como um relâmpago, como uma fulguração. Este relâmpago não faria outra coisa senão iluminar este vasto campo de conhecimento que possuímos e ao que não temos acesso porque e enquanto não nos for necessário.

Todos tivemos a sorte de observar a maravilhosa criatividade das crianças pequenas, principalmente antes dos cinco anos, desenhos estes, que Juan Miró recria extraordinariamente.

Isto é, antes da instauração dos diques e da subordinação do pensamento à lógica da linguagem. À medida que aprendemos, vamos nos tornando, ao menos inicialmente, mais ignorantes; aprendemos uma lógica que nos permitirá adquirir um conhecimento infinito, mas para isso pagamos com o sacrifício do sabido e a submissão do que chamamos de pensamento mágico, que não seria outra coisa que um livre navegar por um território sem limites, a partir do qual se constrói e desconstrói um mundo. Uma e outra vez.

O artista, o criador, aquele que consegue manter uma liberdade ainda em posse da linguagem, aproxima-se desta criança mágica que sacrificamos em nome da cultura, a aceitação da finitude e da lei; estamos colocados, por toda a vida, numa luta de titãs ao enfrentarmos o conhecer*mos* contra as fortes resistências de nossa própria estrutura.

É impossível eludir a existência destes "fenômenos", ainda que tenham diferente natureza; e até é possível que possamos descrever diferentes percursos e origens; obrigam-nos, todos eles, a ir em busca de:

1. a existência de um "conhecimento" não mediado pela linguagem que abrange um vasto universo que a própria ciência não explica.
2. sua expressão, captada só em algumas ocasiões, pois ao ignorá-la (a expressão) não podemos pretender que exista só quando nos assombra.
3. a existência de simbolização "direta" não mediada, não só pela palavra, mas também, quase como expressão de um eu corporal que deseja/necessita dizer, buscar ajuda[27].
4. a percepção de sentimentos e ainda de pensamentos do outro próximo, percepção para a qual os conceitos de identificação e inclusive de empatia não são suficientes, a não ser que os usemos em um sentido ampliado.
5. um registro preciso de percepções cuidadosamente arquivadas cuja existência foi demonstrada pela neurologia moderna, em casos de lesões cerebrais[28].
6. que este registro, ainda que seja extremamente ousado afirmá-lo, excede a própria vida e contém um "conhecimento" do ambiente da realidade, durante a gestação.
7. que é quase necessário ao menos inferir que há rastros "herdados" ou, em vez disso, talvez, a presença de uma tradição "oral" do inconsciente, dos ancestrais.

26. Descobrir, revelar, desvendar, destapar aludem a vencer as dificuldades que se opõem a que algo oculto seja percebido.
27. Há cerca de quarenta anos, uma notícia gerou enorme curiosidade nos biólogos marinhos. Tratava-se de um acontecimento em alto mar. Um barco de pesca foi rodeado por um grande grupo de golfinhos, impedindo que os pescadores jogassem as redes. A conduta dos animais era chamativa, pois batiam suavemente no barco. Os pescadores descobriram que empurravam um pequeno golfinho aparentemente doente. Os pescadores o colocaram a bordo e descobriram que estava engasgado com um peixe. Realizaram a extração do peixe e depois devolveram o golfinho ao mar. Os golfinhos comportaram-se como se fosse uma festa e depois de dar umas voltas ao redor do barco, afastaram-se.
28. A neurologia moderna descreve o registro de representações totais do próprio corpo, não só do visível, ou do que nos é familiar. Estamos, a partir desse campo nas fronteiras de um "conhecimento" cujas representações, necessariamente, entram a todo momento, ou pelo menos em algum momento, em jogo associativo.

> Protofantasias, protoimagens que se apresentam como algo dado, como o substrato inevitável sobre o qual se recebe o casual, tal como vemos na encenação em adoções ou em numerosos casos de transculturação[29].

Falamos com as palavras dos mortos

Toda palavra que usamos contém em seu equívoco predestinado, não só o rastro de nossa história, contém, ainda que não sejamos conscientes disso, a história desta palavra desde sua origem, desde que foi cunhada. Na palavra tijolo, ainda que não sejamos conscientes disso, pois se fôssemos não poderíamos falar, está a cena em que aquele homem que pouco depois de descobrir o fogo viu que a terra sobre a qual esse foi feito endurecia.

Uma conclusão provisória

Inicialmente, a existência destes fenômenos prestou incalculável ajuda na análise de crianças, sobre o que há abundante bibliografia.

A ignorância sobre estas manifestações, ou subestimá-las, permite qualificá-las como delírios, às vezes como manifestações místicas que perturbam a escuta médica, psiquiátrica ou psicanalítica. Este incômodo exacerba a tendência defensiva em dar os nomes da nosologia médica ou da psicopatologia ao paciente, o que obtura o caminho de qualquer cura.

A falta de entendimento da existência desta forma de "memória" abarrotou histórias clínicas de qualificações psicopatológicas e fracassos terapêuticos.

São muitas as ocasiões nas quais o paciente "aprende" o que o analista ou médico pode ou tolera escutar, suprimindo às vezes algum tipo de associações.

Já têm mais de um século as polêmicas entre os neodarwinianos e os neolamarkianos sobre a interação entre a seleção natural e a aquisição genética das características adquiridas. Köestler em El abrazo del sapo (1973), relata, nos anos trinta, fenômenos epigenéticos no acasalamento de uma espécie de sapos, descrevendo uma herança do aprendido.

Pesquisas sobre a língua materna confirmam investigações feitas por Chomsky (1954/1974) que propõe que sem a existência de rastros herdados, seria impossível a aquisição de um idioma no tempo que o "filhote humano" o adquire habitualmente. Afirma que uma grande parte desta gramática interna é inata, motivo pelo qual os seres humanos possuem um mecanismo genético que lhes permite aprender uma língua.

A língua materna – isto é, a primeira língua, a língua que se adquire por imersão, a língua de origem – é adquirida através de operações do cérebro direito, por operações fundamentalmente analógicas. Toda língua posterior será uma língua de tradução e será adquirida com predomínio do cérebro esquerdo, através do pensamento lógico[30].

Chomsky toma duas variedades de uma classe de pássaros cuja diferença é o canto. Coloca o ovo de um no ninho do segundo. Uma vez nascido, este aprende com certo atraso o canto da família adotiva; uma vez restituído à família de sangue, se produz a mudança de canto em um lapso de tempo muito breve. A prova inversa é quase impossível de conseguir.

"Para Freud, 'arcaico' é sinônimo de filogenético, e não dos 'fenômenos residuais' do trauma pessoal…" [31] (Rizzuto, 2016, pp. 267-268).

Em Além do princípio de prazer, Freud (1920/1992a) afirma: "o paciente […] nos mostra que os traços de memória reprimidos de suas experiências primevas não se encontram presentes nele em estado de sujeição, mostrando-se eles, na verdade, em certo sentido, incapazes de obedecer ao processo secundário."[32] (p. 36).

Esther Romano em seu livro *Las palabras como "acto"* (2012) faz um percurso pela vida de Luisa Álvarez de Toledo. A menção sobre as experiências com plantas alucinógenas, a produção nos pacientes de psicoses artificiais abre reedições não só de vivências pré-verbais, mas de cenas pré-natais. "com experiências que iriam além dos fenômenos conversivos, como se houvesse uma memória corporal" [33](p. 20).

> Na vida psíquica do indivíduo podem ter eficácia não só conteúdos vivenciados por ele mesmo, mas também outros que lhe foram aportados com o nascimento, fragmentos de origem filogenética uma herança arcaica". Freud relaciona esta herança com as "predisposições próprias de todo ser vivo".[34] (Rizzuto, 2016, p. 268)

Neste trabalho, fazemos pivô entre, pelo menos, duas formas de pensamento, a dos iníicios, com amplas conexões com um protopensamento e protoconhecimento de estrutura analógica e de dimensões infinitas, ao menos pelo desconhecido, e a progressiva inclusão na linguagem, com suas regras, que se incorporam conjuntamente com a lei e uma lógica que tende a conjurar o sistema primitivo-primário no qual opostos podem conviver e a magia se configura como um sistema compatível. A partir desta instância já podemos ver um sistema dualista no qual nossos aparelhos lógico e analógico, verbal e pré-verbal, tendem a se auto excluir e aparecem nas fissuras de nossa estrutura lógica. Aparecem justamente nos fundamentos de nosso método de pesquisa, e serão matéria fundamental da poesia e das artes que se liberam em parte da lógica que aprisiona as possibilidades do dizer.

Damasio (2003) nos proporciona fundamentação em suas hipóteses para uma reformulação geral da concepção do corpo e da mente, da razão e dos afetos que derivam em questionamento da sequência temporal de "pensar, logo, existir". A ideia de que o existir como um broto, como produto do pensar fica, no dizer do autor, como fundamento do dualismo, como a ideia sobre a qual se funda a medicina e a ciência moderna[35].

29. Em 1991, por ocasião de minha participação em uma mesa redonda sobre a estimulação precoce em um congresso de musicoterapia, fui consultado sobre o que fazer com uma menina chilena de quatro anos que estava em coma desde seu nascimento. A musicoterapeuta que enfrentava esse desafio tinha esgotado seus recursos e encarava sua tarefa com esperanças, ainda que os resultados fossem quase inexistentes, somente em uma ocasião tinha encontrado uma leve resposta. Estive três dias trabalhando com a menina e o grupo que a atendia em Santiago. Propus um rastreio das canções de ninar que sua mãe, aborígene de Chiloe e seu pai, filho de camponeses espanhóis, poderiam ter escutado. Tentamos pensar nos bebês pai e mãe. No último dia de minha visita à clínica, escutando essas canções de ninar que uma anciã chilota se prontificou a cantar, já que a avó da criança não se lembrava de nenhuma canção, pela primeira vez a menina sustentou um sorriso que interpretamos ser de prazer e os registros biológicos se alteraram sustentadamente. Pelo menos enquanto tive notícias, estas mudanças se mantiveram e geraram na equipe médica, inicialmente cética, mudanças na expectativa de trabalho.

30. Esta é uma verdade parcial e orientadora.
31. N. do T.: Tradução livre.
32. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução corresponde à página 24 de: Freud, S. (1996). Além do princípio do prazer. Em J. Salomão (trad.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 3-44). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920.). Versão eletrônica recuperada em http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf
33. N. do T.: Tradução livre.
34. N. do T.: Tradução livre.
35. As inúmeras citações e opiniões de neurocientistas não explicam, mas validam, a partir de outros pontos de vista, nossas hipóteses escritas sobre um saber mais além do aprendido.

Em vários lugares afirmamos que foi no Renascimento, momento em que o homem assume a responsabilidade de sua existência, tomando em suas mãos muito do que ficava até aquele momento como responsabilidade de Deus, que os "representantes" de Deus na Terra disseram à medicina: "O corpo é de vocês, a alma é nossa". É a estruturação do dualismo como corpo fundamental do pensamento o que tende a transformar a medicina em uma mecânica.

A partir da psicanálise não é difícil encontrar fundamentos disposicionais ao dualismo enquanto todo o sistema de "defesas", incluindo a repressão, não faz outra coisa além de subtrair à consciência tudo aquilo que nos produza dor, vergonha ou sentimentos de desvalorização. Toda consciência que nos dê evidências de nossa finitude requer um intenso trabalho para que essas sejam aceitas como parte de nosso ser. Descrevemos os inícios de nossa existência como habitantes de um mundo no qual reina a onipotência de nosso pensamento.

Este trabalho trata do extraordinário fenômeno pelo qual descobrimos nas crianças pequenas expressões que denotam conhecimentos não adquiridos através da palavra parental; padecimentos somáticos cuja descrição dá conta de mecanismos que sobrepassam amplamente o que vemos como sintomas; antecipação de notícias transcendentes, de alterações fisiológicas, de achados fisiopatológicos; desenhos que explicam um padecimento antecipando ao saber parental ou médico; percepção de segredos calados ou desconhecidos pelos pais; reencenação de vivências dramáticas durante a gestação, inclusive em crianças que depois foram adotadas.

Este fenômeno persiste nos adultos de forma mais encoberta, e mais frequentemente manifestado através de sonhos ou de quem se expressa pela arte; manifestações que em alguns casos podem provir do escutado ou vivenciado[36] durante a gravidez ou em percepção inconsciente a inconsciente.

Em nosso trabalho com pacientes, muitas vezes, prestando atenção a pensamentos que nos ocorrem, ainda que aparentemente muito distantes do discurso do paciente, estes se filtram em uma construção que induz o paciente à descoberta de um segredo não reprimido e assim descoberto[37].

Existe esse Aleph no íntimo de uma pedra? Vi-o quando vi todas as coisas e o esqueci? Nossa mente é porosa para o esquecimento; eu mesmo estou falseando e perdendo, sob a trágica erosão dos anos, os traços de Beatriz.[38]

Jorge Luis Borges, 1949

Resumo

Este trabalho trata do extraordinário fenômeno pelo qual descobrimos nas crianças pequenas expressões que denotam conhecimentos não adquiridos através da palavra parental; padecimentos somáticos cuja descrição dá conta de mecanismos que sobrepassam amplamente o que vemos como sintomas; antecipação de notícias transcendentes, de alterações fisiológicas, de achados fisiopatológicos; desenhos que explicam um padecimento antecipando ao saber parental ou médico; percepção de segredos calados ou desconhecidos pelos pais; reencenação de vivências dramáticas durante a gestação, inclusive de crianças que depois foram adotadas.

Este fenômeno persiste nos adultos de forma mais encoberta, e mais frequentemente manifestado através dos sonhos ou de quem faz arte; manifestações que em alguns casos podem provir do escutado ou vivenciado durante a gravidez ou em percepção inconsciente a inconsciente.

Em nosso trabalho com pacientes ocorre que, muitas vezes prestando atenção a nossos pensamentos, aparentemente muito distantes do discurso do paciente, esses se filtram em uma construção que induz o paciente ao desvelamento de um segredo não reprimido e assim descoberto.

Palavras-chave: *Causalidade, Empatia, Pensamento arcaico, Pensamento mágico, Comunicação pré-verbal.*

Abstract

This work deals with the extraordinary phenomenon by which we discover in young children expressions that denote knowledge not acquired through parental word. Somatic suffering whose description accounts for mechanisms that exceed by far what we see as symptoms. The anticipation of transcendental news, physiological alterations, physiopathological findings; drawings that explain a condition anticipating parental or medical knowledge;perception of secrets silenced or unknown by parents;reenacting of dramatic experiences during pregnancy, even in children who have been adopted.

This phenomenon persists in adults in a more covertly way and often manifests through dreams or through artistic production. Manifestations that, in some cases may come from what was heard or experienced during pregnancy or through communication from unconscious to unconscious.

In our work with patients, it often happens that, our constructions are leaked by our occurrences, that although seeming very distant from the patient´s associations, allow him to discover an unrepressed secret that therefore is disclosed.

Keywords: *Causality, Empathy, Archaic thought, Magical thought, Preverbal communication.*

Referências

Aberastury, A. (1971). *El niño y sus juegos.* Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1968).

Aberastury, A. (1973). *Aportaciones al psicoanálisis de niños.* Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1971).

Alconchel, M. (2004). Chomsky y la gramática degenerativa. *Investigación y educación,* 7(3). Disponível em: https://www.csub.edu/~tfernandez_ulloa/spanishlinguistics/chomsky%20y%20la%20gramatica%20generativa.pdf

Alizade, M. (setembro de 2002). *El encuadre interno*. 24°. Congreso Latinoamericano de Psicoanálisis, Permanencias y cambios en la experiencia psicoanalítica, Montevidéu. Disponível em: http://www.fepal.org/images/congreso2002/adultos/alizade_a_m___el_encuadr.pdf

Borges, J. L. (1989). El Aleph. Em J. L. Borges, *Obras completas*. Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1949).

Cesio, F. (1970). *Un estudio del hombre que padece*. Buenos Aires: Kargieman.

Chiozza, L. (2008). ¿Por qué enfermamos? La historia que se oculta en el cuerpo (1986-2007). Em L. Chiozza, *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Libros del Zorzal.

Chomsky, N. (1974). *Estructuras sintácticas.* México. Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1957).

Chomsky, N. (1985). *Reflexiones sobre el lenguaje.* Buenos Aires: Planeta Agostini. (Trabalho original publicado em 1975).

36. Carmen Garma (comunicação pessoal, 16 de outubro de 2013, Buenos Aires) há anos participa de pesquisas nos Estados Unidos sobre as consequências evidenciadas em crianças gestadas por mães com depressão ou que foram vítimas de maus tratos durantes a gravidez. Nestas crianças costuma ser detectado padecimento de ansiedade generalizada.

37. Muitos autores prestaram atenção e deram ideias sobre a escuta analítica, dando conta deste fenômeno que descrevemos. Como Theodor Reik, por exemplo, em seu *Listening with the third ear* (1948/1998) - lamentavelmente não editado em nosso idioma - ou Mariam Alizade (setembro de 2002), descrevendo o "enquadre interno".

38. N. do T.: Tradução de F.J. Cardozo. A tradução corresponde à página 96 de: Borges, J. L. (1998), O Aleph. Em F.J. Cardozo (trad.), *Jorge Luis Borges – Obras completas* (Volume I, pp. 87-96). *(1923-1949).* São Paulo: Globo. (Trabalho original publicado em 1949). Recuperado em https://autoresmodernos.files.wordpress.com/2013/07/borges-jorge-luis-o-aleph.pdf

Chomsky, N., Belletti, A., Rizzi, L. (2003). *Sobre la naturaleza y el lenguaje.* Madri: Cambridge University Press.

Cueto, E. (23 de outubro de 2003). Entrevista a Fidias Cesio. Dispon**íve** em: http://www.elsigma.com/entrevistas/entrevista-a-fidias-cesio/3852

Damasio, A. (2003). *El error de Descartes: La emoción, la razón y el cerebro humano.* Barcelona: Crítica. (Trabalho original publicado em 1994).

Dimmick, J. E. (1969). Célula. *Rassegna, 1.*

Freud, S. (1991a). 30ª. conferencia: Sueño y ocultismo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

Freud, S. (1991b). Análisis terminable e interminable. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1991c). La interpretación de los sueños. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1992a). Más allá del principio del placer. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1992b). Tres ensayos de teoría sexual. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).

Hauser, M., Chomsky, N. e Fitch, W. (2002). The faculty of language: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science*, 298, 1569-1579.

Ilich, I. (1978). *Némesis médica*. México: Joaquín Mortiz.

Köestler, A. (1973). *El abrazo del sapo*. Barcelona: Ayma.

Kohut, H. (1969). Formas y transformaciones del narcisismo. *Revista de Psicoanálisis*, 26(2), 371-401.

Kohut, H. (1977). *El tratamiento psicoanalítico de los trastornos narcisistas de la personalidad.* Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1971).

Reik, T. (1998). *Listening with the third ear.* Nova York: Farrar, Strauss and Giroux. (Trabalho original publicado em 1948).

Rizzuto, A. (2016). Lo arcaico: Reflexiones sobre los comienzos de la vida psíquica. *Revista de Psicoanálisis de Madrid*, 76, 267-296.

Romano, E. (2012). *Las palabras como "acto".* Buenos Aires: Lugar.

Rubia, F. (2000). *El cerebro nos engaña.* Madri: Tanto por Saber.

Winnicott, D. (1993). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador: Estudios para una teoría del desarrollo emocional.* Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1965).

Bitácula